

Que se tratava de um berrãozinho parece não haver dúvidas.

Se assim fôr podemos acrescentar aos 56 berrões do Nordeste, Trás-os-Montes e Beira Trasmontana, mais um, assinado na Derruída pelo incansável e perspicaz arqueólogo Mestre Leite de Vasconcelos.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Janeiro de 1981

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR *

Antigo Director do Instituto de Antropologia
e Presidente da S. P. A. E.

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4470 Maia

Notável berrão proto-histórico aparecido algures na Galiza

Em Junho de 1977, a convite de D. José Filgueira Valverde, emérito Director do excelente Museu de Pontevedra, ali fiz uma conferência sobre a *Cultura dos berrões proto-históricos no noroeste peninsular-norte de Portugal e na Galiza*.

Desde há muito que me interessava pelo estudo dos berrões proto-históricos; estátuas, quase todas de granito, de vários animais, sobretudo de porcos e de touros.

As representações mais frequentes entre nós são as dos porcos do sexo masculino, com as típicas saliências testiculares bem esculpidas na traseira. Isto é, representam porcos por castrar, os porcos de padriação ou de cobrição, que em Portugal se chamam *berrões* ou *barrões*, na Galiza *berrós* ou *barrós*, e na Espanha *verracos*.

Entre nós é bem conhecida a *porca de Murça*, é um porco, como tive ensejo de assinalar no trabalho *A cultura dos berrões no noroeste de Portugal*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e

Etnologia, Fasc. 4, Vol. XXII, Porto, 1975, págs. 353-515, 31 desenhos e LIII Est. com 100 gravuras. Além de porca também tem sido considerada como ursa.

Algumas estátuas porcinas têm sido, e em alguns casos podem ser, consideradas como representando javalis.

A essência da minha conferência no Museu de Pontevedra foi o meu trabalho publicado em 1975, acrescido de novos achados.

Procurei sintetizar os aspectos de maior realce arqueológico da cultura dos berrões.

Sua natureza, culto do porco como animal extraordinariamente prestadio.

Sua origem castreja, pois sabe-se que muitas dessas estátuas foram achadas em castros pré-romanos, e, possivelmente, obra criada por estatuários da tribo pré-céltica os *draganos*, que no séc. VI a.C. viviam na região que é hoje Trás-os-Montes.

Na sua expansão para leste por terras de Zamora, Salamanca e Cáceres, à medida que rareiam os porcos (*verracos*), vão predominando os *toros*.

Na expansão para a Galiza referi os três *berrós*, «Jabali de Viana del Bollo (Orense), Jabali de Castelo del Valle (Orense) e Jabali de Florderrey Vello (Orense)», que foram estudados pelo ilustre galego D. Jesus Taboada, no seu trabalho *Esculturas de verracos em Galicia*, in «Archivo Español de Arqueologia», Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Diego Velásquez, n.º 72, Julio-Set., Madrid, 1948, págs. 291-294, 1 Fig.

À minha conferência assistiu Frei António Montero O.F.M., do Convento de S. Francisco de Pontevedra.

Este culto frade franciscano falou-me de um grande berrão, aparecido havia cerca de 20 anos numa freguesia da província da Corunha, onde se encontrava em missão apostólica.

Manifestei grande interesse pelo que me contou aquele culto frade galego quanto ao berrão corunhês.

Depois, em carta de 28-8-78 deu uma série de informações que confere àquele *berrão* um especial relevo.

Frei António Montero, na sua carta amiga refere, de entrada, ter averiguado entre alguns arqueólogos espanhóis que nada fôra publicado sobre o *verraco* que ele viu, em determinada aldeia de freguesia da província da Corunha, e escreve: «Yo, por más esfuerzos que hice, no recuerdo el nombre da la parróquia en donde ocurrió el hallazgo; son muchas las feligresias que, preparando preceptos pascuales y dando missions, recorro al año».

Claro que tinha interesse precisar, com o nome da aldeia ou freguesia, o local do achado. No entanto a informação concreta de que foi na província da Corunha, é já um dado corográfico que localiza o achado na região setentrional da Galiza.

De qualquer modo, mesmo sem a indicação justa e precisa do local do achado, a natureza do mesmo justifica a publicação dos elementos colhidos «in loco» por Frei António Montero, e gentilmente fornecidos na carta, da qual se transcreve o que segue.

«Hace unos 20 años, poco más o menos, hallandome de ministério pastoral en una parroquia de la provincia de La Coruña, segun creo, sobrevino una gran tormenta con una gran tromba de agua, avisaron os mozos del lugar que en las proximidades las aguas habian puesto al descubierto unos muros y una estatua de piedra. Salimos el cura y yo y encontramos en la base de un monte unos muros de forma semicircular que levantarían como un metro del suelo, en el centro un verraco muy grande que mediria bien dos m de largo por uno de alto. Escultura de buena labra con una bolsa testicular muy abultada y un pene descomunal. Creia el viejo cura que era un oso; pero se tratava de un cerdo. Los mozos se reian de las partes sexuales del animal, cosa que o cura llevó muy a mal reprendiendolos muy asperamente y aquella misma noche con un matillo le machacó. Se me olvidaba que en medio del recinto formado por el muro circular habia un pedestal formado por piedra de manposteria superpuestas, de la altura de los muros, un m

aproximadamente. No dudé un momento de que el verraco estuvo en cima del podio. Como tanto el bicho como los muros estaban muy ahumados sospecho que receberia ritos en que se quemaban cosas.

«Tambien influyó en la decision del cura al darse cuenta de que el animal recibió adoraciones y decia que seria una verguenza para la parroquia y objecto de burla de las limitrofes, al saber que en la parroquia de su jurisdiccion se dio culto a un animal tan imundo como es el cerdo.

«Y esto es cuanto puedo decirle sobre el cerdo, por si puede serle de alguna utilidad, lamentando el no poder identificar el lugar del hallazgo ni averiguar nada más.»

Em face do que acabamos de transcrever há que realçar algumas das observações feitas pelo espírito perspicaz de Frei António Montero, e recordadas passados cerca de 20 anos.

— A grande estátua de pedra «de buena labra» achada no meio de recinto semicircular com parede de um metro de altura.

— A existência, a meio do recinto, de um pedestal de pedras sobrepostas que seria o pódio, ou plinto, feito para ali colocar o berrão.

— Tanto a estátua como os muros à roda estavam negros de fumo, digamos queimados.

— A escultura era de um porco com os órgãos sexuais masculinos exuberantemente esculpidos.

Analisemos cada uma destas observações.

O facto de o infelizmente destruído berrão ter sido descoberto por «una gran tormenta con una gran tromba de agua», permite admitir que o impulso da enxurrada tenha arrasado a outra metade do recinto, que muito provavelmente seria circular.

A existência do pódio ou pedestal a meio do recinto, levou Frei António Montero, em raciocínio lógico, a escrever. «No dudé un momento de que el verraco estuvo encima del podio», que podemos interpretar como que um altar para nele colocar o deus porco.

A circunstância de tanto o *verraco* como as pedras do recinto semicircular estarem negras de fumo, levou Frei António Montero a suspeitar, aliás segundo nos parece com acerto, que o bicho «receberia ritos em que se quemaban cosas».

A exuberância dos órgãos sexuais, «con una bolsa testicular muy aultada y un pene descomunal», corresponde a um dos aspectos da modalidade escultural dos berrões. Em algumas estátuas a bolsa testicular é tão saliente que alguns autores, baseados nesse carácter, emitiram o parecer de que aos berrões se pode atribuir também o significado ou prova de culto fálico.

É singular a afirmação do pénis descomunal. Na mais de meia centena de berrões que conheço nenhum apresentava pénis.

O que muitas estátuas de berrões têm na linha médio-ventral é uma proeminência, maior ou menor, o forro peniano.

Têm marcado interesse as informações de Feri António Montero quanto ao *verraco* corunhês, infelizmente destroçado.

A grande importância daquele *verraco* resultou do facto de ter sido encontrado «in loco», ou seja a meio de um recinto que provavelmente seria circular, como era o do berrão de Picote, que estudei e publiquei no meu trabalho *A cultura dos berrões no Nordeste de Portugal*, cit., págs. 424-438, Figs. 18 a 20 e 94 e 95, e foi encontrado de pé no meio de câmara circular, a que se seguia um corredor de 9 m de comprimento. Aquele berrão de Picote seria um ídolo.

O mesmo se pode dizer do *verraco* que foi visto por Frei António Montero, que como réplica do que sucedia com o berrão de Picote, seria também ídolo, a que se renderia culto em acção de graças pela sua acção benfazeja.

Na pág. 430 do meu cit. trabalho, ao descrever a escavação que fiz em Picote, no sítio correspondente à dianteira do porco, e já no início do corredor, a 1,70 m de profundidade «apareceu uma terra cinzenta que, na opinião geral das pessoas

presentes devia corresponder a um local onde habitualmente se tivesse feito lume».

Frei António Montero viu o *verraco* tiszado de negro de fumo bem como as paredes laterais, o que o levou a supor que o animal teria sido alvo de práticas rituais em que se queimavam coisas. É de crer que aquele afumado resultasse de fogueiras recentes, e, por isso, sem valor como significado arqueológico.

Seja como for o certo é que o *verraco* foi encontrado «in loco» num recinto possivelmente circular, no meio do qual havia um pedestal onde, digamos, o bicho tinha sido posto como em trono ou altar.

Há alguns aspectos ou feições de concordância entre os dois achados, o português de Picote e o galego de uma aldeia da província da Corunha, e, sobretudo, o que se julga fundamental, ambos encontrados a meio de recintos arredondados.

Pode pois concluir-se, em face do conjunto de circunstâncias apuradas nos dois achados, que têm razão aqueles que consideram os berrões como estátuas votivas, manifestação dum velho rito zoolátrico castrejo, no qual animais considerados sagrados eram adorados como deuses tutelares.

Podemos por isso considerar a cultura dos berrões como manifestação de ordem espiritual, com fortes raízes implantadas nos castros trasmontanos e nas regiões limítrofes de Espanha.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Agosto de 1981

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR *

Presidente da Soc. Portuguesa de Antrop. e Etnologia,
da Real Academia Galega (Corunha) e do Seminário de
Estudos Galegos (Santiago de Compostela)

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4470 Maia.